

Parentesco biológico entre os Karitiana

Gilberto Souza Aguiar

Foram constatados casos em que dois indivíduos eram, ao mesmo tempo, meio-irmãos, primos em 1º grau, primos em 3º grau e parentes por mais dez outras vias, demasiadamente complexas para receberem denominação.

Uma das características antropológicas de maior destaque nas populações indígenas é sua estrutura social fortemente ligada à instituição familiar. Em geral, as sociedades tribais são formadas por famílias reunidas que se relacionam através de laços genéticos e se organizam de acordo com padrões lingüísticos, históricos e sociais próprios, conformando uma unidade cultural diferenciada. O parentesco — seja ele biológico ou social — é um dos agentes fundamentais no cotidiano de uma tribo, norteando as relações interpessoais, o fluxo de poder entre gerações (e até dentro de uma mesma geração) e o sistema matrimonial.

As estruturas de parentesco biológico vigentes na maioria das populações indígenas decorrem de situações importantes do ponto de vista evolucionário. Um exemplo dessas situações é a poligamia, cuja ocorrência se dá normalmente sob a forma de poliginia (casamento entre um homem e duas ou mais mulheres). Os homens praticantes de poliginia são, via de regra, elementos privilegiados do grupo, com elevado nível de "status", conquistando o direito de dispor de um maior número de companheiras. Ao mesmo tempo, o universo social indígena se caracteriza por outra prática de importância: o endocruzamento — ou casamento entre indivíduos consanguíneos —, freqüente em diversas tribos e que pode ter grandes implicações na definição do perfil genético populacional.

Tanto a poliginia como o endocruzamento são capazes de levar as comunidades tribais a uma situação onde as relações de consanguinidade entre seus nativos atingem alta complexidade. Uma forma de se investigar os efeitos desses dois fatores socioculturais sobre as relações biológicas inter-indivisuais é a análise genealógica de tribos. Na Amazônia, um grupo interessante para este tipo de estudo é o dos Karitiana, explorado em seus aspectos bioantropológicos pelo autor, ao lado da equipe de Genética Humana da Universidade Federal do Pará. Situado às margens do rio Jaciparanã, afluente do Madeira, no Estado de Rondônia, o pequeno povoado indígena é caracterizado geneticamente por um número elevado de uniões consanguíneas. Essas uniões são às vezes complicadas, quer pelos múltiplos caminhos que ligam dois indivíduos a seus ancestrais comuns, quer pelas configurações conjugais variantes, tais como núcleos familiares poliginicos.

Entre os Karitiana, houve, num passado não muito remoto, um caso extremo de poliginia, cujas repercussões foram fundamentais para a definição do "status" genético atual da tribo. Um homem — chefe tribal já falecido — casou-se com nada menos que sete mulheres, dando origem a uma progênie de 15 pessoas! Por outro lado, os demais indivíduos de sua geração e da geração precedente tiveram, em média, apenas 2,4 filhos. Em virtude de tal fato, as 67 crianças hoje existentes no grupo são des-

cedentes diretos do velho chefe, não raro por diversas vias diferentes. O resultado deste insólito sucesso reprodutivo teve para a tribo um significado importante, em termos evolutivos. O patrimônio genético do homem poligino acha-se muito melhor representado quantitativamente nas gerações que o sucederam do que o de outros nativos. Mesmo traços genéticos anteriormente raros tornaram-se freqüentes no grupo, simplesmente pelo fato de que o antigo líder o possuía. É o caso, por exemplo, de uma proteína sanguínea variante, conhecida como "colí-nerterase do soro C5+", por nós estudada e cuja freqüência populacional mostrou-se su-

perior a 50%, quando na maioria dos outros grupos humanos ela existe em apenas 10% das pessoas.

A fertilidade do chefe Karitiana trouxe para a composição genética tribal a consequência notável de que todas as crianças são biologicamente relacionadas umas às outras. Em termos matemáticos, o coeficiente de parentesco médio entre os elementos registrados na genealogia da população é de 0,071. Este número significa que, se tomarmos, ao acaso, dois índios Karitiana, eles serão mais similares entre si do que dois primos em 1º grau (cujo coeficiente de parentesco é de 1/16 ou 0,0625). O mais curioso no estudo antropológico desta tribo amazônica é que os seus membros são, em geral, interligados por inúmeras vias diferentes de consanguinidade. Investigando-se as irmandades da última geração, foram constatados casos em que dois indivíduos eram, ao mesmo tempo, meio-irmãos, primos em 1º grau, primos em 3º grau e parentes por mais dez outras vias (demasiado complexas para receberem denominação). Embora a ligação mais próxima entre esses indivíduos tenha sido a de meios-irmãos — que biologicamente equivale a de tio-soorinhos —, sua similaridade genética mostrou-se praticamente idêntica à queia verificada entre irmãos completos. Em casos mais excepcionais, alguns índios revelaram-se parentes por 15 (ou mais) caminhos distintos, configurando uma autêntica rede de parentesco biológico inter-individual.

Devido ao fato de cada adulto ser ligado por laços genéticos à maioria dos outros nativos, os casamentos entre os Karitiana são freqüentemente consanguíneos, o que tende a aumentar ainda mais o grau médio de parentesco dentro do grupo. De 31 uniões conjugais envolvendo pessoas vivas da tribo, 24 ocorreram entre parentes biológicos, a maioria com consanguinidade superior a de primos em 1º grau. Como consequência, cerca de 91% das crianças da tribo são endocruzadas, isto é, descendentes de casamentos entre parentes.

Taxas elevadas de parentesco intragrupal não constituem um atributo exclusivo dos Karitiana, podendo observar-se em quaisquer outras populações cujas práticas socioculturais deem margem a núcleos familiares poligâmicos, endogamia tribal e casamentos consanguíneos (o que é o caso de grande parte dos povos nativos amazônicos). Mas essa pequena tribo de Rondônia representa um raro caso demonstrativo de como contingências socioculturais são capazes de influenciar radicalmente o perfil genético de uma população humana. Sem dúvida, seu minucioso estudo bioantropológico pode contribuir, de maneira decisiva, para o melhor entendimento do processo de microevolução biológica do homem nativo americano.

O autor participa da execução do Programa de Ecologia e Biologia Humanas do Museu Paraense Emílio Goeldi.